

## **Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos - PEJ**

Coordenador: Prof. Vicente Dobroruka

Universidade de Brasília  
IHD - Dpto. de História  
Brasília -DF- 70910-900

[www.pej-unb.org](http://www.pej-unb.org)

### **"4EZRA E OS 4 IMPÉRIOS MUNDIAIS DANIÉLICOS:**

#### **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES"**

**II SEMINÁRIO INTERNO DO PROJETO DE ESTUDOS JUDAICO-  
HELENÍSTICOS - PEJ -, 21-23 DE NOVEMBRO 2007**

Vicente Dobroruka

HIS / UnB



Resumo / abstract



#### 4Ezra e os 4 impérios mundiais daniélicos: algumas considerações

Já se disse, com razão, que toda a literature bíblica intertestamentária, seja judaica ou cristã, é um comentário desenvolvido de textos anteriores<sup>1</sup>. A natureza desse comentário varia desde a reescritura esclarecedora de livros fundadores (caso de *Jubileus* com Gn, ou de 1En com o episódio dos gigantes em Gn 5) até comentários como os *pescharim* de Qumran, dos quais o de Habacuc e o de Naum são os mais conhecidos (nesses casos trata-se de atualizar o conteúdo do texto profético e fazer o público consumidor entender a atualidade da mensagem veiculada - noutros termos, resignificá-la). Desnecessário dizer que o Novo Testamento posiciona-se do mesmo modo, quer visto em perspectiva cristã, quer na judaica; e o judaísmo rabínico faria o mesmo ao longo de todo o desenvolvimento exegético que culminaria nos Talmudes. Em suma, toda religião fundada num texto sagrado supõe necessariamente a reinterpretação contínua do mesmo, e algo como um "Antigo Testamento" que circulasse de modo autônomo e sem comentários substantivos nunca existiu<sup>2</sup>. A reinterpretação é um imperativo, quer pelo fato de muitas circunstâncias descritas nos textos terem se alterado por transformação social (caso de muitas das prescrições do Dt, p.ex.) quer pela necessidade de readequação de uma mensagem ou exortação a um novo contexto (*pescharim*, *midrashim*, boa parte da apocalíptica).

---

<sup>1</sup> Óbvio como o comentário possa parecer atualmente, remeto o leitor de língua portuguesa a duas obras de referência sobre o assunto: Julio Trebolle Barrera. *A Bíblia judaica e a Bíblia cristã*. Petrópolis: Vozes, 1996 e Gonzalo Aranda Pérez et al. *Lietartura judaica intertestamentária*. São Paulo: Editora Ave-Maria, 1996.

<sup>2</sup> Trebolle Barrera, op.cit. p.26.



O texto de que me ocuparei neste capítulo não é exceção; o chamado *Quarto livro de Esdras* é, sob certos ângulos e em certas passagens, uma reatualização de Daniel, cujo conteúdo soteriológico teria de adaptar-se às novas condições impostas pela dominação romana, distintas do contexto helenístico em que foi compilado ou mesmo escrito (que Dn não constitui uma unidade é fato bem sabido, embora restam divergências quanto à natureza das clivagens autorais e, portanto, de datação). Isto fica evidente quando se compara o uso de **Ῥωμαῖοι** na versão grega dos LXX para a recensão de Teodocião, no séc.II d.C., em que o termo volta a ser lido como **Κιτιοῖ**; a escassez de mss. da LXX com relação a Dn (o *Codex Chisianus* e o Papiro 967 são, para todos os efeitos, as testemunhas da leitura "original" da LXX - a Vulgata mantém *Romani*). Na patrística a interpretação da última monarquia secular de Dn 2 e 7 é, freqüentemente, como sendo Roma, e não mais os reinos helenísticos ou o império de Alexandre.

Embora os primeiros seis capítulos de Dn componham-se de "historietas" que podem ser lidas de modo independente, e que não necessariamente estejam interligadas (daí as teses das ordens variáveis em que o Dn pode ter sido originalmente "arrumado" - 7, 8, 5, 6<sup>3</sup>), do modo como o livro chegou até nós e já era consumido na Antigüidade (aqui o testemunho de Josefo e dos Manuscritos do Mar Morto é eloqüente) ele estrutura-se em torno dos capítulos 2 e 7, que são aqueles propriamente apocalípticos - dentro da definição mais comumente aceita, define-se "apocalipse" como um gênero literário que

---

<sup>3</sup> John J. Collins. *Daniel: a Commentary on the Book of Daniel*. Minneapolis: Fortress Press, 1993. Pp.4-5; daí a importância do Papiro 967.



*Apocalipse é um gênero de literatura revelatória com uma estrutura narrativa, na qual a revelação é mediada por um ser do outro mundo a um receptor humano, revelando uma realidade transcendente que é simultaneamente temporal, na medida em que busca salvação escatológica, e também espacial, na medida em que envolve outro mundo*<sup>4</sup>.

4Ezra é um texto apocalíptico de origem judaica e preservação cristã<sup>5</sup>, que deve ter sido escrito após 70 d.C. (pela importância que seu autor atribui à queda do Templo) mas antes do final do séc.II d.C. (quando encontramos a primeira citação inequívoca dele, em Clemente de Alexandria)<sup>6</sup>. O texto de 4Ezra está estruturado em torno de sete visões, das quais a quarta (a mulher chorando) e 4Ezra 12:51 são as mais importantes; esta última vincula-se ao contexto da quinta visão (a águia), embora na verdade introduza a sexta - pois após 12:51 o visionário dorme sete dias e depois tem a visão. O aspecto a ser discutido neste capítulo é a *forma* pela qual as duas visões de Dn (2 e 7) são reformuladas em 4Ezra de modo a adequarem-se às novas circunstâncias do convívio com Roma - em outras palavras, trata-se de discutir três coisas:

1. A adaptação de um tema metahistórico comum aos dois livros, qual seja o do complexo mítico que reúne as idades do mundo e as monarquias universais (em Dn 2, acrescidas dos metais em ordem de decadência; em Dn 7, dos diversos animais que simbolizam impérios - este último aspecto repete-se funcionalmente em 4Ezra, embora com outros personagens);

---

<sup>4</sup> John J.Collins (ed.). *Semeia 14. Apocalypse: The Morphology of a Genre*. Missoula: Scholars Press, 1979.

<sup>5</sup> Com exceção dos capítulos 1-2 e 15-16, interpolações cristãs.

<sup>6</sup> Idem, p.9.



2. O grau de minúcia com que a "nova" visão (i.e. a visão reatualizada em 4Ezra, à partir do texto daniélico) é esmiuçada para o visionário;

3. Uma variante singular na morfologia do mito, a do "homem do mar" que, ao contrário do que se verifica habitualmente nos mitos, é uma figura redentora e não um inimigo da criação (o mar está normalmente associado ao caos primordial e às forças destrutivas; assim é que em Dn 7 é do mar que saem as bestas, em Jn é por meio de uma criatura marinha que o profeta relutante é punido, nos Sl 29:3; 10 e 93 é lá que Iahweh derrota Leviatã e Raab, as forças do caos)<sup>7</sup>.

Assim definido o conjunto de três problemas correlatos, mas *distintos*, principiemos pelo estudo do primeiro, o da forma que o tema metahistórico possuía originalmente em Dn e como ele se transforma em 4Ezra. Antes de iniciarmos a análise, é preciso deixar claro que, em minha opinião, não se pode decompor 4Ezra em unidades autônomas, compiladas tardiamente, quer em função de características lingüísticas quer por incongruências teológicas - não sabemos quase nada sobre as condições de produção e menos ainda das condições de consumo dos apocalipses, e exigir esse tipo de coisa torna-se, a meu ver, tarefa ingrata e que levará a um beco sem saída (ou a tantas saídas quantas a erudição, a imaginação ou o simples número de estudiosos envolvidos permitir<sup>8</sup>). Que esse material tenha sido composto em etapas ou mesmo que tenha proveniência heteogênea (os dois

---

<sup>7</sup> Norman Cohn. *Cosmos, Chaos and the World to Come. The Ancient Roots of Apocalyptic Faith*. New Haven / London: Yale University Press, 1993. P.133.

<sup>8</sup> Daniel Merkur. "The visionary practices of Jewish apocalypticists" in: L. Bryce Boyer e Simon Grolnik (eds.). *The Psychoanalytic Study of Society*. Hillsdale: Analytic Press, 1989. Pp.120-123; a variedade de testemunhos sobre o Além é marca registrada dos apocalipses e de seus testemunhos bíblicos - p.ex. Amós, Zacarias e Jeremias.



primeiros e os dois últimos capítulos são, como se sabe, interpolações cristãs) não vêm ao caso para o tema deste capítulo. De todo modo, o que temos compõe-se da narrativa de uma experiência descrita pseudonimamente por um ou mais visionários em nome de Esdras; se essa narrativa não possui o rigor teológico de um texto de, digamos, Fílon, é porque nunca pretendeu sê-lo<sup>9</sup>.

Sendo o objeto deste estudo a releitura de um aspecto pontual da teologia daniélica no decorrer da experiência descrita em 4Ezra, principiarei pela descrição das duas passagens-chave em Dn para nosso trabalho, detendo-me apenas no essencial quanto à sua análise.

Em Dn 2:36-43, o rei Nabucodonosor tem um sonho e exige dos magos da corte não apenas a interpretação, como que lhe diga qual foi o próprio sonho:

*Tiveste, ó rei, uma visão. Era uma estátua. [...] A cabeça da estátua era de ouro fino; de prata eram seu peito e os braços; o ventre e as coxas eram de bronze; as pernas eram de ferro; e os pés, parte de ferro e parte de argila. [A estátua é destruída e suas partes pulverizadas por uma pedra] Tal foi o sonho [...] Tu, ó rei dos reis, a quem o Deus do céu concedeu o reino, o poder, a força e a honra [...], és tu que és a cabeça de ouro. Depois de ti se levantará outro reino, inferior ao teu, e depois ainda um terceiro reino, de bronze, que dominará a terra inteira. Haverá ainda um quarto reino, forte como o ferro, como o ferro que reduz tudo a pó e tudo esmaga [...] Os pés que viste, parte de argila de oleiro e parte de ferro, designam um reino que será dividido: haverá nele parte da solidez do ferro [...] O fato de teres visto ferro misturado à argila de oleiro indica que eles se misturarão por casamentos, mas não se fundirão um com o outro, da mesma forma que o ferro não se funde com a argila*

---

<sup>9</sup> Michael Stone. "On reading an apocalypse" in: John J. Collins e James H. Charlesworth (eds.). *Mysteries and Revelations. Apocalyptic Studies since the Uppsala Colloquium*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1991. P.72.



[Seguem-se considerações sobre o último reino, o reino messiânico representado pela pedra]<sup>10</sup>.

Em Dn 7:1-8 a descrição é bem mais detalhada, e embora as funções dos personagens se mantenham, são outros:

*No primeiro ano de Baltazar, rei de Babilônia, Daniel, estando em seu leito, teve um sonho, e visões lhe assomaram à cabeça. Ele redigiu o sonho por escrito. Eis o começo da narrativa: Tomou a palavra Daniel, dizendo: Eu estava contemplando a minha visão noturna, quando vi os quatro ventos do céu que agitavam o grande mar. E quatro animais monstruosos subiam do mar, um diferente do outro. O primeiro era semelhante a um leão com asas de águia. Enquanto eu o contemplava, suas asas lhe foram arrancadas e ele foi erguido da terra e posto de pé sobre suas patas como um ser humano, e um coração humano lhe foi dado. Apareceu um segundo animal, completamente diferente, semelhante a um urso<sup>11</sup>, erguido de um lado e com três costelas na boca, entre os dentes. E a este diziam: 'Levanta-te, devora muita carne!' Depois disso, continuando eu a olhar, vi ainda outro animal, semelhante a um leopardo, que trazia sobre o flanco quatro asas de ave; tinha também quatro cabeças e foi-lhe dado o poder. A seguir, ao contemplar essas visões noturnas, eu vi um quarto animal, terrível, espantoso, e extremamente forte: com enormes dentes de ferro, comia, calcava, triturava e calcava aos pés o que restava. Muito diferente dos que o haviam precedido, tinha este dez chifres.*

---

<sup>10</sup> Uma das idéias metodologicamente mais absurdas nesse campo de estudos é a de preencher a lacuna do BY referente ao que está misturado ao ferro (não se sabe) com base no texto de Dn, que apesar de completo, fornece uma interpretação completa e acabada do problema e o relaciona aos casamentos entre Lágidas e Selêucidas. Nada permite concluir que fosse essa a intenção do autor do BY, quer pelos mss serem muito tardios e remeterem a contextos que hoje nos escapam, quer por ter existido um (hipotético) *Bahman Yasht* avéstico, anterior às confusões dinásticas do período helenístico. Cf. Philippe Gignoux. "Sur l'inexistence d'un *Bahman Yasht* avestique" in: *Journal of Asian and African Studies* 32, 1986.

<sup>11</sup> O tema dos 4 reinos encontra novos desenvolvimentos na literatura rabínica (*Lev. Rabbah* 13:5 afirma que os 4 reinos foram antecipados em Gn 2:10 - os 4 rios -; em Gn 15:12 - a escravidão -, e Lv 11:4-8 - camelo = Babilônia, fuinha = Média, coelho = Grécia, porco = Roma). Tudo isso implicaria numa nova razão para o descrédito de Roma como última monarquia, a cristianização do Império. Cf. John J. Collins. *Daniel: a Commentary on the Book of Daniel*. Minneapolis: Fortress Press, 1993. P.72.



*Enquanto eu considerava esses chifres, notei que surgia entre eles ainda outro chifre, pequeno, diante do qual foram arrancados três dos primeiros chifres pela raiz. E neste chifre havia olhos como olhos humanos, e uma boca que proferia palavras arrogantes<sup>12</sup>.*

O papel dos três primeiros animais é, evidentemente, secundário na seqüência, embora de modo mais ostensivo do que o das últimas partes da estátua em Dn 2, aqui, como em 4Ezra 12, a identificação dos personagens históricos aos quais o apocalíptico (autor ou compilador do trecho) pretende aludir é problemática, e muitos palpites infelizes já surgiram sobre o assunto<sup>13</sup>. E de modo quase esquemático, a figura redentora que se segue às bestas em Dn 7 é também seguida de outra em 4Ezra 13:1 ss.; desse modo temos outro par, a visão do "Filho do Homem" em Dn 7:9 ss. e 4Ezra 13.

---

<sup>12</sup> Deve-se notar aqui a possível origem semítica para o enredo do "mau rei", presente em uma especificidade de Dn 7 é a aplicação de um padrão mítico para um contexto histórico, agravado pelo caráter estereotipado da descrição de Antíoco Epífanês em Dn 7, como um dos ímpios especialmente perversos. Ela pode estar ligada à caracterização dele em fontes gregas e egípcias mas também à lenda persa do Kay Kâûs (cf. Hildegard Lewy. "The Babylonian background of the Kay Kâûs legend" in: *Archiv orientální* 17, 1949. Pp.28-109). A lenda foi registrada pelo historiador persa Hakîm Abol-Ghâsem Ferdowsî Tûsî, autor do épico nacional persa *Shâhnâmeh* (em geral conhecido simplesmente como *Firdausî*) no séc.X d.C.. Entre suas características estava um interesse obsessivo nos astros, que o levaram a fazer uma viagem aos céus; ele também rebelou-se contra a religião no Iraque; realizou uma expedição militar contra a Arábia; sentou-se num trono dourado e tentou ascender aos céus; construiu uma torre enorme que alguns ainda enxergavam nas vizinhanças da Babilônia. Ele também foi atingido por uma demência temporária mas completa. O traço leva à Nabônides mas também à demência de Nabucodonosor em Dn 4. 4QOrNab deixam for a de dúvida que as tradições sobre ele formavam ao menos parte das tradições localizadas em Dn. A tradição do rei rebelde remonta, portanto, a Nabônides, e este deve ter sido usado ao menos como modelo parcial em Dn 4 - nesse capítulo o autor refere-se a um padrão já existente de reis rebeldes (cf. Is 14; Ez 28; 31 etc.). Verificamos também passagens relativas passagens relativas ao tema do "rei rebelde" em Dn 8:10; 8:23b; 11:36; 8:25 e 11:45b. Cf. Helge S. Kvanvig. "Dan 7 in a Mesopotamian context" in: *Roots of Apocalyptic. The Mesopotamian Background of the Enoch Figure and of the Son of Man*. Neukirchen-Vluyn: Neukirchen Verlag, 1988. Pp.460-468.

<sup>13</sup> Para uma discussão das posições correntes no mundo acadêmico até meados do séc.XX, cf. Harold H. Rowley. *Darius the Mede and the Four World Empires in the Book of Daniel*. Cardiff: University of Wales Press Board, 1959.



Principiando pelo primeiro, vejamos os paralelos possíveis entre as duas seções e também a sua diferença principal, qual seja a proveniência da figura messiânica. Em Dn 7, portanto, temos:

*Eu continuava contemplando,  
quando foram preparados alguns tronos  
e um Ancião sentou-se.  
Suas vestes eram brancas como a neve;  
e os cabelos de sua cabeça, alvos como a lã<sup>14</sup>.  
Seu trono eram chamas de fogo  
com rodas de fogo ardente.  
Um rio de fogo corria,  
irrompendo diante dele<sup>15</sup>.  
[...]  
O tribunal tomou assento e os livros foram abertos.*

Em 4Ezra 11-13 temos um *midrash* de Dn 7, nos seguintes termos:

*Na segunda noite [Esdras recebe a ordem de permanecer no campo onde havia ingeridos as flores que lhe proporcionaram a quarta visão, ponto de virada na experiência visionária do apocalíptico e associada à ingestão das flores] tive um sonho, e vede, surgiu do mar uma águia que tinha doze asas com penas e três cabeças. E olhei, e vede, ela espalhava suas asas sobre toda a Terra<sup>16</sup>, e todos os ventos do céu juntavam-se sobre ela<sup>17</sup>. E olhei, e de suas asas cresciam asas em [pares] opostos; mas elas tornaram asinhas pequenas, insignificantes. Mas suas cabeças descansavam; a cabeça do meio era maior do que as demais, mas descansava com elas. Eu eu olhei, e vede, a águia voava com suas asas, para reinar sobre toda a Terra e todos os que nela viviam. E vi como todas as coisas sob o céu lhe estavam*

---

<sup>14</sup> Não necessariamente um traço positivo: no ApEl é algo que está associado ao Anticristo (ApEl 3:15.).

<sup>15</sup> Evocando de um lado 1En 52 com as montanhas de metal que se derretem como cera e também se encontram associadas aos metais e principalmente, ao Juízo Final na tradição persa - p.ex. *Bundahišn* 12.

<sup>16</sup> Aqui a imagem é comum no AT é pode ser encontrada em diversas passagens - a título de exemplo, Ex 19:4; Dt 32:11; Jn 48:40; 49:22; Ez 17:3; 7; Pr 23:5.

<sup>17</sup> Em Dn 7 os quatro ventos agitam o mar, não as bestas, nem mesmo a última - que é, em 4Ezra, a águia.



*sujeitas, e ninguém a contestava, nenhuma das criaturas da Terra. E olhei, e vede, a águia levantou-se sobre suas garras, e urrou para suas asas, dizendo: 'Não olhem todas ao mesmo tempo; que cada uma durma em seu lugar, e olhe [cada uma] em sua vez; mas que as cabeças sejam deixadas para o final'.*

*E olhei, e vede, a voz não vinha de sua cabeça, mas do meio de seu corpo<sup>18</sup>. E contei as asas em [pares opostos], e vede, eram oito delas [...]*

Até a terceira asa (4Ezra 11:18) o comentário é detalhado; daí para a frente o autor não mais discute em minúcia o que ocorrerá a cada uma, mas informa laconicamente que algumas governaram, outras não, mas que todas desapareceram. E sobraram apenas as cabeças da águia e seis asas pequenas. Dessas, duas separaram-se e colocaram-se sob o abrigo da cabeça direita da águia; depois esta acorda, alia-se às outras duas cabeças e devora as asinhas sob seu abrigo, que aparentemente conspiravam contra si. Depois (11:33 ss.),

*[...] a cabeça do meio também desapareceu subitamente, como havia ocorrido com as asas. Mas as duas cabeças permaneceram, e também governaram a terra e seus habitantes. E olhei, e vede, a cabeça da direita devorou a da esquerda<sup>19</sup>.*

*Então ouvi uma voz dizendo-me, 'Olhe diante de ti e considere o que estás vendo'. E olhei, e vede, uma criatura como um leão surgiu da floresta, rugindo; e ouvi como ele falava com voz humana com a águia, dizendo, 'Ouça o que vou te dizer. O Altíssimo te diz, 'Não és a quarta besta sobrevivente entre as quatro que fiz com que governassem meu mundo, para que o final dos tempos viesse através dela? Vocês, a quarta que veio, conquistou todas as bestas que vieram antes; e*

---

<sup>18</sup> Imagem apavorante a princípio, mas que faz sentido no conjunto da visão: não seria lógico a cabeça referir-se à si mesma em terceira pessoa, tanto mais que a águia tinha três delas.

<sup>19</sup> Possível referência ao assassinato de Tito por Domiciano, jamais confirmado mas justificável pelo caráter despótico do reinado deste último. Cf. Suetônio. *Vida de Domiciano* 2, onde se afirma que Domiciano sempre cobiçara o trono e que havia sido traído num testamento falso, que estipularia a divisão do mesmo com Tito.



*controlastes o mundo com tamanho terror, e toda a Terra com opressão odiosa; e até aqui vivestes na Terra em meio ao deboche. E julgastes a Terra, mas não de modo justo [Vulg., et iudicasti terram non cum veritate; sir., ~~xxxx~~]; pois afligistes os pacíficos e maltartastes os humildes, odiastes os que diziam a verdade, e amaste os mentirosos [...] Assim, a tua insolência chegou ao Altíssimo, e teu orgulho ao Todo-Poderoso. E o Altíssimo olhou para seu tempo, e vede, eles terminaram, e suas eras se completaram! [...]’ Enquanto o leão estava dizendo essas palavras à águia, olhei, e vede, a cabeça que sobrara desapareceu. E as duas asas que haviam se bandeado para ela levantaram-se para reinarem, e seu reino foi breve e tumultuado. Olhei, e vede, todo o corpo da águia foi queimado, e a Terra estava aterrorizada ao extremo.*

Aqui cabe a discussão - até o momento, inconclusiva - sobre a natureza das cabeças e asas da águia. Essa é uma questão que possui poucos denominadores comuns: pelo menos desde o final do séc.XIX os estudiosos concordam que, pela datação do texto ser posterior à destruição do Templo em 70 d.C., a águia deve representar Roma e qualquer estudo sobre a natureza das partes da águia deve centrar-se em suas cabeças.

Há três hipóteses sérias sobre a natureza das partes:

1. As três cabeças seriam Pompeu, Sula e César, o que importaria uma datação ao livro remetendo ao final do séc.I a.C.; a objeção mais óbvia a essa interpretação é o fato do autor escrever após a destruição do Templo em 70 d.C. (a invasão e saque por Pompeu em 63 a.C. não seriam suficientes para justificar o lamento do visionário pela *destruição de Sião*)<sup>20</sup>;

---

<sup>20</sup> Stone, *Fourth Ezra* pp.363-364; trata-se da tese proposta por Laurence, Lücke, van der Hils, Hilgenfeld e Geoltrain. Schürer já mostrou a inconsistência da tese pela obiedade da procedência de 4Ezra num período subsequente à destruição do Templo.



2. No outro extremo da datação, o texto seria de 218 d.C., e as três cabeças seriam nesse caso Septímio Severo, Geta e Caracala<sup>21</sup>; mas o fato de Clemente de Alexandria já citar 4Ezra antes da data proposta invalida qualquer argumento subsequente (cf. *Stromateis*. 3.16); além disso 12:18; 21 afirmam que após o governo das duas primeiras asas haverá um intervalo de confusão política e social, o que não se aplica nem a Tito nem a Nerva;

3. A terceira posição, mais sensata e predominante entre os estudiosos, identifica as três cabeças com Vespasiano, Tito e Domiciano, mas, como a segunda assemelha-se a Augusto, temos aqui um novo problema - o número total de asas, 18 ou 20, excede o número completo de imperadores e usurpadores conhecidos para o período<sup>22</sup>. Dentro desse quadro teórico não há divergência quanto aos 12 imperadores representados pelas asas, mas as asinhas não foram identificadas com segurança; talvez de trate de líderes não-romanos ou de generais e usurpadores mais tardios<sup>23</sup>.

Com restrições, a última é a mais aceita pela *scholarship* contemporânea e, de fato, a que faz mais sentido no conjunto do texto.

Mas há algo que todos os autores deixaram escapar como possibilidade: se 4Ezra deve ser entendido como uma unidade completa, que fazia sentido tanto ao seu autor quanto à sua audiência<sup>24</sup>, segue-se que a experiência visionária forma também um todo, que principia com a teimosia do visionário

---

<sup>21</sup> Trata-se da datação proposta por Gutschmidt e por LeHir; mais recentemente, por Barry e Völter; cf. Stone, *Fourth Ezra*, p.364.

<sup>22</sup> Stone, *Fourth Ezra*, p.364-365.

<sup>23</sup> Para essas suposições, cf. Gföerer, Wieseler, Kabisch e Oesterley.

<sup>24</sup> Stone, "On reading an apocalypse", p.66.



nas três primeiras visões, altera-se radicalmente com a quarta e, daí até o final do livro, ele passa a defender a posição que inicialmente era do anjo Uriel (sem, no entanto, *compreendê-la*; o que acontece é um processo de *conversão*, não de convencimento<sup>25</sup>; do ponto de vista de explicação para a teodicéia, 2Br é muito mais sofisticado embora, no que respeita às experiências descritas, muito mais enfadonho também; isso deve ser levado em conta quando se argumenta que 2Br constituiria uma espécie de "resposta" às questões não-respondidas pela teologia de 4Ezra. Mas se 4Ezra não se apresenta como um tratado teológico, é porque nunca pretendeu sê-lo, como vimos).

Isso significa que boa parte das representações zoomórficas de 4Ezra podem não ter qualquer explicação, mas apenas constituírem o epílogo confuso de um episódio extático, vivido em primeira mão ou simplesmente repetido (nesse caso, existe ainda a possibilidade dos absurdos cronológicos da visão serem fruto da ignorância de redatores sucessivos, que mantiveram a unidade essencial da experiência visionária mas perderam, aos poucos, aumentando ou diminuindo o número e as características das asas, seu significado original). É de se notar ainda que a visão torna-se cada vez mais confusa à medida em que se caminha para seu final, o que já levou alguns estudiosos a suporem que o visionário sabia de coisas relativas aos anos turbulentos da sucessão neroniana que hoje se perderam<sup>26</sup>;

---

<sup>25</sup> Idem, p.73 ss. e do mesmo autor, "Apocalyptic - vision or hallucination?" in: *Selected Studies in Pseudepigrapha and Apocrypha with Special Reference to the Armenian Tradition*. Leiden / New York / Kobenhavn / Köln: Brill, 1991 e "A reconsideration of apocalyptic visions" in: *Harvard Theological Review* 96 (2), 2003. P.169.

<sup>26</sup> O argumento me parece altamente especulativo e incongruente com o caráter simbólico das visões apocalípticas como um todo; acrescenta-se a isso o fato dos apocalipses não se notabilizarem pelo entendimento minucioso da história, nem servirem-se de abordagens historiográficas (afinal, não se trata de obras de história, mas quando muito de textos



sou de opinião que é a própria visão que vai chegando ao final de modo confuso, tanto mais que a visão da águia relaciona-se com o ponto de virada do livro, a quarta visão (a da mulher que se transforma na Jerusalém celeste); ora, a quarta visão é propiciada, de modo bizarro entre todas as formas de preparação visionária entre os apocalipses, pela ingestão das flores no campo (4Ezra 9:24-25).

Que tenha ou não havido a ingestão de flores ou alucinógenos *de fato* pelo visionário é outra questão<sup>27</sup>; que a quarta e quinta visões ligam-se uma como seqüência da outra e que a quinta desfaz-se em meio à confusão crescente quanto ao que o visionário enxerga antes de acordar em pânico, está fora de questão, pois consta do próprio texto.

Deve-se ponderar ainda se para o visionário uma explicação meticulosa relativamente às asas da águia, suas cabeças e equivalentes no mundo real teria a mesma importância que para nós; é visível, ao longo de todo o episódio, que a águia como unidade completa interessa muito mais ao visionário do que suas partes constituintes (do mesmo modo que em Dn 7 a besta que realmente interessa ao autor é a última, as demais aparecendo, a meu ver, como complementos necessários que façam o episódio coadunar-se de modo mais adequado ao capítulo 2).

Apenas como curiosidade (talvez mais do que isso, mas em minha opinião apenas uma especulação digna de nota), devemos lembrar que há um paralelo não-intencional entre as últimas bestas em Dn e em 4Ezra: do mesmo modo que para o

---

sagrados que *servem-se* de um tipo peculiar de entendimento do sentido da história para explicar suas teodicéias).

<sup>27</sup> Cf. Vicente Dobroruka. "Chemically-induced visions in the *Fourth Book of Ezra* in light of comparative Persian material" in: *Jewish Studies Quarterly*. Vol.13.1. Princeton: Mohr Siebeck, 2006; no artigo supracitado busquei aprofundar a discussão iniciada por Anders Hultgård. "Ecstasy and vision" in: Nils Holm (ed.). *Religious Ecstasy. Based on Papers read at the Symposium on Religious Ecstasy held at Åbo, Finland, on the 26<sup>th</sup>-28<sup>th</sup> of August 1981*. Stockholm: Almqvist and Wiksell, 1982.



autor de Dn o último animal a sair da água não se parece com nada conhecido por estar fora do alcance do conhecimento geográfico do autor (e por isso mesmo talvez se trate de um rinoceronte indiano, conhecido indiretamente por uma versão do *Romance de Alexandre* que teria vulgarizado a sua figura<sup>28</sup>), a águia de 4Ezra encontraria um paralelo na *Vida de Apolônio de Tyana* de Filostrato (a mesma obra que levou David Flusser a postular a fonte comum que teria levado o autor de Dn a descrever, do modo mais desajeitado possível, a quarta besta como um rinoceronte). Trata-se da passagem em 5.13, com a referência às três cabeças, em contexto diferente do do visionário de 4Ezra mas significando igualmente a confusão relativa à sucessão neroniana:

*Apolônio disse: 'Ide, Damis, e veja se a criança é realmente como afirmam'. Pois aquela coisa estava exposta ao público para que os milagreiros exercitassem seus dotes sobre ela.*

*Quando Damis confirmou que era uma criatura de três cabeças e do sexo masculino, Apolônio reuniu seus companheiros e disse: 'Isto significa três imperadores dos romanos [...] e nenhum deles terá um domínio completo, mas dois deles deverão morrer depois de tomarem a própria Roma, e o terceiro depois de tê-lo feito nos países em torno de Roma: e eles deverão*

---

<sup>28</sup> A possível influência do *Romance de Alexandre* do Pseudo-Calístenes sobre o autor de Daniel - através de uma passagem semelhante na *Vida de Apolônio de Tyana* de Filostrato - implica na identificação da "quarta besta" com um rinoceronte. "Então apareceu uma besta muito diferente, maior do que um elefante, armada na testa com três chifres, [um animal] que os indianos costumavam chamar *odontotyrannos*, (cuja cor é escura, semelhante à de um cavalo). Depois de ter bebido água, olhou para o nosso acampamento e atacou-nos de surpresa, e não recuou nem diante de grandes labaredas de fogo" (cf. Wilhelm Kroll. *Historia Alexandri Magni*. Berlim: Weidmann, 1926; a versão armênia foi editada por Albert M. Wolohjan. *The Romance of Alexander the Great by Pseudo-Callisthenes*. Nova York: Columbia University Press, 1969. Outras versões da passagem encontram-se na edição do Josippon pelo próprio Flusser (Jerusalém: Bialik, 1980) e na edição de Adolf Ausfeld. *Der griechische Alexanderroman*. Leipzig: /s.ed./, 1907. Cit. por David Flusser. "The fourth empire - an Indian rhinoceros?" in: *Judaism and the Origins of Christianity*. Jerusalem: Magnes Press, 1988. P.348.



*embaralhar suas máscaras mais rapidamente do que se fossem atores trágicos fazendo o papel do tirano'. E a verdade dessa afirmação foi quase que imediatamente revelada; pois Galba morreu na própria Roma, assim que usurpou a coroa; e Vitélio morreu mal após ter sonhado com ela; e Otão morreu entre os gauleses do Ocidente nem sequer recebeu um funeral público, mas permanece enterrado como qualquer indivíduo privado. E esse episódio do Destino encerrou-se dentro de um simples ano.*

Sugiro, portanto, que há muito de *overreading* nos estudos sobre a natureza das asas e cabeças das asas da águia de 4Ezra. Do mesmo modo que falta ao texto a coerência de um tratado teológico, falta-lhe também uma explicação meticulosa acerca do que cada parte da águia representava. A imaginação apocalíptica não estava limitada por esse tipo de preocupação, seja o episódio autenticamente visionário, narrativa em segunda mão ou simples repetição de clichês aceitos pela audiência do texto.

A observação de Stone, seguindo os passos de Russell e Collins, de que o interesse do visionário pela precisão factual das partes constituintes da águia é um indicador da datação do texto esbarra numa objeção séria, embora a indicação proposta por Stone de que a pergunta do visionário em 8:63 encontraria, na descrição fantástica da águia, uma resposta coerente para a datação do texto não seja implausível. Na passagem citada, o visionário pede a Deus que "me mostre *quando* pretendes executar [os sinais do fim dos tempos]". O ponto em que o visionário teria vivido seria precisamente aquele em que a datação deixa de ser factualmente inteligível<sup>29</sup>.

Mas a argumentação esbarra em dois problemas sérios:

---

<sup>29</sup> Stone, *Fourth Ezra* p.363.



1. Teria de haver uma prova irrefutável quanto à datação de todas as passagens anteriores referentes aos constituintes da águia;

2. Teríamos de dar conta de dois sub-problemas:

2.1. O volume de asas maior do que o de imperadores possíveis entre o reinado de Domiciano (ele mesmo apenas uma hipótese, ainda que a mais razoável, para a datação do período em que o visionário viveu), e a incompatibilidade de se entender as asas aos pares, como demonstrou Box a partir de 4Ezra 11:24-28<sup>30</sup>;

2.2. A idéia de que após determinada passagem (digamos, a do abrigo das duas asinhas sob a cabeça direita) teríamos o *terminus post quem* do texto invalidaria a tese anterior, mantida pela maior parte dos estudiosos do apocalipses históricos - qual seja a de que o autor estaria preocupado em entender qual o seu lugar exato no plano divino da história e nos conduziria a um argumento circular: como o visionário tem essa spiração, após certa passagem, as indicações são nebulosas - pois ele viveria antes delas. Não me parece boa lógica para entender em minúcia o que cada trecho da águia significa.

Se a datação não for critério suficiente, a própria imagem deve sê-lo; de resto, como veremos abaixo na explicação da visão fornecida a Esdras em detalhe pelo próprio Deus, o *midrash* faz com que a águia complemente a visão de Dn 7. Em minha opinião, essa explicação, por si mesma, é muito mais importante no quadro geral do apocalipse do que a datação pretensamente almejada pelo visionário por meio das partes da águia em 4Ezra.

---

<sup>30</sup> Box, p.265.



*Ele [Deus] me disse, 'Esta é a interpretação desta visão que tiveste: A águia que vistes saindo do mar é o quarto reino que apareceu numa visão ao teu irmão Daniel. Mas [isto] não lhe foi explicado como agora explico a ti. Vede, estão chegando os dias em que surgirá um reino na Terra, e ele será mais aterrorizante do que todos os reinos que o precederam<sup>31</sup>. E doze reis nele reinarão, um após o outro. Mas o segundo deverá reinar por mais tempo do que qualquer outro dos doze<sup>32</sup>. Essa é a interpretação das doze asas que viste. Quanto [ao fato] de teres ouvido uma voz que vinha não da cabeça da águia mas do meio de seu corpo, esta é a interpretação: no meio do tempo<sup>33</sup> desse reino grandes lutas surgirão, e ele correrá o risco de cair; não obstante, ele não cairá, mas recuperará sua força anterior. Quanto [ao fato] de teres visto oito asinhas<sup>34</sup> ligadas às asas, esta é a interpretação: oito reis surgirão nele [Vulg.; exsurgent enim in ipso octo reges - i.e. no Império?], cujos tempos serão curtos e seus anos [de reinado] breves; dois deles morrerão quando o meio dos tempos estiver próximo; quatro serão guardados para o final dos tempos e dois permanecerão até o final.*

A passagem desafia toda a compreensão, e implica na mesma confusão, a meu ver, implícita tanto em Dn 2 e 7

---

<sup>31</sup> Talvez a referência a um reino excepcionalmente maligno seja uma forma velada de falar do reinado de Domiciano (nesse caso, a lenda do assassinato de seu irmão Tito por ele mesmo tornar-se-ia mais inteligível no conjunto do apocalipse).

<sup>32</sup> Aqui parece que pisamos terreno firme: não faz sentido uma referência a Tibério, e o apocalíptico, sensatamente, parece iniciar a contagem com Júlio César o qual, evidentemente, não era imperador, mas estabeleceu as bases definitivas para o principado de Augusto e sucessores e governou um Império Romano de extensão bem próxima à de seus limites máximos (exceção feita, obviamente, ao Egito - tomado por Augusto em 31 a.C. - e aos territórios anexados de forma mais ou menos provisória por Trajano, mais de 100 anos depois). A seqüência de doze imperadores harmoniza-se também com a classificação de Suetônio em sua obra, e excluiria usurpadores como Piso, Nymphidius ou Vindex, o que se explica tanto pelo caráter efêmero de sua atuação como pelo fato de não terem eles deixado nenhum legado, mesmo que destrutivo digno de nota. Este é outro argumento contra a idéia de que o visionário de 4Ezra "sabia mais do que nós" (Stone, *Fourth Ezra*, p.365); seria de se esperar o mesmo de um autor erudito como Suetônio, o que no entanto não ocorre.

<sup>33</sup> Nas versões siríaca e armênia, "após" - o que sugere que, nessas versões, o conhecimento dos eventos posteriores à época do visionário seja mais acurado.

<sup>34</sup> Na versão siríaca, "sub-asas".



quanto à duração dos reinos. Em Dn 2, embora uma seqüência cronológica seja explicitada, a pedra que não é acionada por mãos humanas destrói todos os quatro reinos ao mesmo tempo (como, se eles sucedem-se e por essa razão não podem coexistir no tempo?); do mesmo modo com as bestas em Dn 7. Buscar explicações de desenvolvimento histórico nessas passagens, ou simplesmente tentar entender como o visionário em questão se via no contexto de seu próprio tempo me parece uma empresa fadada ao fracasso antes de começar. Sustento a tese de que, se os eventos descritos simbolicamente podem ser utilizados como marcas para a data-limite da composição do texto, aqueles que não se encaixam no mesmo esquema devem ser imputados ao que se chamou, acertadamente, de "imaginação apocalíptica" - i.e., não servem para efeito de datação factual, a não ser pela negativa que expressam: após o último evento identificável, perdemos o fio da meada, e com isso devemos nos conformar. Em todo caso, uma explicação coerente para a listagem nos daria a seqüência César - Augusto (27 a.C. - 14 d.C.) - Tibério (14-37) - Gaius (37-41) - Cláudio (41-54) - Nero (54-68) - Galba (68-69) - Otão (69) - Vitélio (69) - Vespasiano (69-79) - Tito (79-81) - Domiciano (81-96).

Com relação ao repouso das cabeças, Deus prossegue o *midrash* ao visionário após 12:22:

*Quanto [ao fato] de teres visto três cabeças em repouso, esta é a interpretação: nos últimos tempos o Altíssimo fará erguerem-se três reis<sup>35</sup>, e eles renovarão muitas coisas, e governarão a Terra de modo mais opressivo do que todos os que os antecederam; por isso são denominados de cabeças da águia. Pois eles irão resumir a sua maldade e realizar seus últimos atos. A cabeça grande significa um rei que morrerá no*

---

<sup>35</sup> Na versão latina, três "reinos"; "reis" na siríaca, etiópica, armênia e árabe.



*leito, mas em agonia<sup>36</sup>. Quanto aos dois que permanecerem, dois serão devorados pela espada. Mas a espada de um devorará a do outro<sup>37</sup>; mas ele também parecerá pela espada ao final dos dias [....]*

Aqui chegamos ao final das seções de 4Ezra que nos interessam neste capítulo; seguem-se considerações sobre o leão (identificado como o Messias; 4Ezra 12:31 ss.) que já nos levariam muito longe da intenção inicial do texto.

Como conclusão geral, temos o fato auto-evidente que, do ponto de vista da seqüência de impérios mundiais, a última besta, que aparece como um animal bizarro ao ponto da impossibilidade de ser descrito em Dn 7, é substituída por outro, bem conhecida do público leitor de 4Ezra e freqüente na Bíblia hebraica, a águia. Essa substituição tem ainda o efeito de servir-se de um símbolo utilizado assumidamente pela potência que se pretende representar, ou seja, Roma.

Além disso, tanto quanto na contagem dos chifres da quarta besta de Dn 7, o número de asas em 4Ezra 13 mostra-se não como um enigma, em minha opinião, mas como uma parte de um episódio visionário que começa com muita precisão factual e vai se diluindo em valores e imagens meramente simbólicos; isto ocorre pela própria natureza da experiência visionária, e não em função de datações absurdas pretendidas por esta ou aquela indicações entre as asas da águia. Tal abordagem, ainda que menos instigante - já que não propõe nada de especialmente novo em termos da datação, nem mesmo muda as datações até aqui propostas -

---

<sup>36</sup> Se a referência a Vespasiano estiver correta, há aqui um semi-paralelo com Suetônio: Vespasiano efetivamente morreu em agonia, mas não em seu leito. Sofrendo de disenteria, fez questão de permanecer em pé, como deve morrer um imperador (cf. Suetônio. *Vida de Vespasiano* 24 - *alvo repente usque ad defectionem soluta, imperatorem ait stantem mori oportere; dumque consurgit ac nititur, inter manus sublevantium extinctus est*).

<sup>37</sup> Nova referência possível ao assassinato de Tito por Domiciano.



parece-me, no entanto, mais conforme a imaginação apocalíptica, que não se encontrava limitada pelas mesmas preocupações factuais que seus intérpretes modernos.

E o encadeamento das visões 4 e 5 com base no mesmo processo indutório - a ingestão das flores - aponta para a mesma direção, ou seja, para um êxtase visionário cuja clareza e intensidade vão diminuindo à medida em que nos aproximamos do final do efeito do estimulante utilizado, ou alegadamente utilizado. Nada disso implica na descrição de uma experiência em primeira mão, como espero ter deixado claro ao longo da análise.